

ANO

01

Nº

01

JULHO
2026

REVISTA
ARABOTH®



RETORNANDO AS SENDAS ANTIGAS

REVISTA TRIMESTRAL DA
SOCIEDADE ISRAELITA DAS SENDAS ANTIGAS
S I S A E N



O MAR DE VIDRO

A CÂMARA DE NÚPCIAS DA NOIVA DO CORDEIRO
(APOCALIPSE 15:1-5)

ASSUNTOS DESTA EDIÇÃO:

- A Elohut do Mashiach
- Calendário Zadokita Enoqueano achados arqueológicos em Qmurem
- O Messias divino no Livro de I Enoque
- O Sheol em I Enoque 22
- A importância do estudo da Parashá
- A Grande Tribulação
- Terremoto na Venezuela e os sinais da Segunda Vinda do Messias
- Artigo Científico o Período Intertestamentário



3º TRIMESTRE
JULHO - SETEMBRO 2026



Retornando às Sendas Antigas

É com grande alegria que apresentamos a primeira edição da **Revista ARABOTH**, uma publicação trimestral da **Sociedade Israelita das Sendas Antigas – SISAEN**, dedicada ao estudo, à pesquisa e à divulgação das Sagradas Escrituras à luz do Judaísmo do Segundo Templo. Este primeiro número representa o início de um projeto que nasce com o propósito de contribuir para a restauração do conhecimento bíblico antigo, preservando as tradições e os testemunhos que marcaram a fé dos patriarcas, profetas, sábios e dos primeiros discípulos do Messias.

O nome **ARABOTH** remete ao mais elevado dos céus descritos na literatura judaica antiga, lugar associado à glória do Altíssimo, ao Seu trono e às hostes celestiais. Inspirados por essa imagem, desejamos que esta revista conduza seus leitores a uma reflexão mais profunda sobre os mistérios revelados nas Escrituras e sobre a esperança escatológica reservada ao povo de Elohim.

Nesta edição inaugural, escolhemos como tema principal **"O Mar de Vidro: a Câmara de Núpcias da Noiva do Cordeiro"**, baseado em **Apocalipse 15:1–5**. Muito além de uma simples descrição simbólica, entendemos o Mar de Vidro como o lugar de reunião dos santos glorificados durante os acontecimentos da Grande Tribulação, onde os vencedores da besta permanecem diante do trono, vestidos de branco, com harpas de Elohim em suas mãos, aguardando a manifestação gloriosa do Reino do Messias. Este estudo propõe uma leitura fundamentada não apenas no livro do Apocalipse, mas também na literatura apocalíptica judaica, especialmente nos escritos de Enoque, Jubileus e outros documentos do período do Segundo Templo.

Além do tema central, esta edição reúne estudos sobre a **Elohut do Mashiach**, analisando a identidade divina do Messias dentro da tradição judaica antiga; apresenta evidências arqueológicas relacionadas ao **Calendário Zadokita Enoqueano** encontradas entre os manuscritos de Qumran; examina a figura do **Messias no Livro de I Enoque**; explora a compreensão do **Sheol em I Enoque 22**; destaca a importância do estudo semanal da **Parashá** como instrumento de formação espiritual; oferece uma análise da **Grande Tribulação** à luz da literatura profética; discute acontecimentos contemporâneos, como o terremoto ocorrido na Venezuela, em diálogo com os sinais proféticos da Segunda Vinda do Messias; e apresenta um artigo científico dedicado ao **Período Intertestamentário**, fundamental para compreender o contexto histórico do surgimento do Judaísmo Nazareno.

A SISAEN tem como compromisso incentivar uma abordagem que una reverência às Escrituras, pesquisa acadêmica e fidelidade às fontes antigas. Valorizamos o diálogo entre a Bíblia Hebraica, os Escritos Nazarenos, os Manuscritos do Mar Morto e a literatura judaica do Segundo Templo, reconhecendo que esses documentos preservam importantes testemunhos para a compreensão da fé israelita em sua forma mais antiga.

Esperamos que cada edição da **Revista ARABOTH** se torne um instrumento de estudo, edificação e crescimento espiritual para estudantes, pesquisadores, líderes e todos aqueles que desejam aprofundar-se nas riquezas da Palavra de Elohim. Que este trabalho contribua para fortalecer o amor pela verdade, despertar o interesse pela investigação séria das Escrituras e incentivar cada leitor a trilhar, com fidelidade, as antigas veredas anunciadas pelos profetas.

Convidamos você a caminhar conosco nesta jornada de conhecimento, pesquisa e restauração, mantendo vivo o chamado do profeta:

"Assim diz o Eterno: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai pelas sendas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele; e achareis descanso para a vossa alma." (Yirmiyahu/Jeremias 6:16)

Sociedade Israelita das Sendas Antigas – SISAEN

O Mar de Vidro e os Sobreviventes do Dia do Eterno

Uma análise profunda na Torá, Escritos Místicos, Escritos do Segundo Templo e na Literatura Profética

Um estimado *chaver* (companheiro de estudos) recentemente levantou duas questões fundamentais para a compreensão da escatologia bíblica: **1)** O Livro de *Gelyana* (Apocalipse) é o único escrito a mencionar o "Mar de Vidro", o abrigo seguro dos eleitos durante o Dia do Juízo? **2)** Haverá sobreviventes na Terra após o terrível Dia do Eterno sobre os ímpios?

Abaixo, fundamentamos com rigor textual e exegético as respostas a essas duas indagações, demonstrando a unbroken unidade da revelação bíblica e da tradição judaica.

PARTE I: O MAR DE VIDRO NA LITERATURA JUDAICA

Ao contrário do que muitos supõem, o "Mar de Vidro" não é uma exclusividade do Apocalipse. A Torá e os escritos rabínicos, místicos e Escritos do Segundo Templo já descrevem detalhadamente essa estrutura celestial desde a Criação.

1. A Torá e o Tanakh

Em **Bereshit (Gênesis) 1:6-8**, lemos a criação da expansão cristalina:

"E disse Elohim: 'Haja um firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas.' Fez, pois, Elohim o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das águas que estavam por cima do firmamento... E chamou Elohim ao firmamento Céus."

Este firmamento superior é louvado nas Escrituras como uma estrutura tangível e gloriosa:

- **Salmo 19:1:** "Os céus proclamam a glória de Elohim, e o firmamento anuncia a obra das suas mãos."
- **Salmo 148:4:** "Louvai-o, céus dos céus, e as águas que estão acima dos céus."

4. A Tradição Talmúdica e Hechalot

O **Talmude Babilônico (Chagigah 13a, 14b; Pesachim 94b)** descreve as dimensões e a natureza do firmamento. No famoso relato dos quatro que entraram no *Pardes*, Rabi Akiva adverte:

"Quando chegardes perto das pedras de mármore puro (avnei shayish tahor), não digais: 'Água, água!' (Mayim, mayim!), pois está escrito: Aquele que profere mentiras não habitará na minha presença."

— Chagigah 14b

Essa passagem ganha luz clara nos textos de **Hechalot Rabbati (25:4-5; 30:2)** e **Hechalot Zutarti (338)**: o pavimento do sexto palácio brilha de tal forma que se assemelha a um mar profundo ou ondas correndo, mas não é água líquida, e sim o brilho monumental das pedras de mármore e cristal reluzente diante do Trono.

Em **3 Enoque 33:3-4**, confirma-se que abaixo dos pés das Criaturas Santas (*Chayot*) há uma extensão de cristal terrível sobre a qual se estendem os rios de fogo (*Nahar di-Nur*) e a carruagem divina reluz como o mar de cristal.

5. Revelações do Zohar, Sefer HaBahir e Pistis Sophia

O **Zohar (I, 32b; I, 28a; II, 269b)** ensina que o firmamento cristalino em *Malchut* atua como um véu resplandecente através do qual os mistérios são contemplados. É exatamente neste firmamento cristalino inferior que os eleitos estarão abrigados. O **Sefer HaBahir (119, 160)** define essa estrutura como o vaso transparente de cristal puro que coleta as águas da Sabedoria (*Chochmah*). Até mesmo textos antigos como o **Pistis Sophia (Cap. 125)** preservaram essa tradição, mencionando que os purificados atravessam correntes de luz até se tornarem transparentes como o próprio vidro.

- **Ezequiel 1:22:** "Por cima das cabeças dos seres viventes havia a semelhança de um firmamento, brilhante como cristal."
- **Daniel 12:3:** "Os sábios resplandecerão como o brilho do firmamento." Aqui a *Yechidah* (nível mais elevado da alma) brilha como a expansão cristalina.
- **Êxodo 24:10:** Sob os pés de Elohim havia "como obra de pedra de safira, e como o próprio céu na sua claridade."

2. Literatura Enochiana e Escritos do Segundo Templo

Em **1 Enoque 14:18-23**, o patriarca relata sua visão da morada celestial: *"Vi uma casa construída de cristais... seu teto era como o caminho das estrelas... havia um grande trono... o chão era de cristal."*

No **Testamento de Levi (2:3; 3:1-2; 5:1)**, detalham-se as camadas dos céus e a plataforma reluzente:

"E vi o primeiro céu, e era muito escuro... E vi o segundo céu, e era brilhante e glorioso... No céu mais elevado habita a Grande Glória... Diante do Seu trono estende-se uma plataforma brilhante e reluzente como o cristal..."

3. Manuscritos do Mar Morto (Qumran)

Nos *Cânticos do Sacrifício Sabático (4Q403 / 11Q17)* e em *4QBerakhot (4Q286)*, a estrutura do Palácio Celestial é descrita com pisos resplandecentes de santidade, pavimentos de milagres e correntes de luz de esplendor incomparável.

PROPÓSITO ESCATOLÓGICO DO MAR DE VIDRO

O Mar de Vidro é a **Câmara Nupcial**. Os eleitos, reunidos pelos anjos dos quatro cantos da Terra após o encontro nas nuvens, serão levados a este local sagrado para receberem suas vestes resplandecentes (*Yechidah*) e celebrarem as Bodas do Cordeiro (aprox. 1 ano), enquanto as taças da ira são derramadas sobre a Terra.

PARTE II: HAVERÁ SOBREVIVENTES NA TERRA?

A resposta das Escrituras é um categórico **SIM**. A Terra passará por uma assolação terrível, mas nem todos os habitantes do mundo serão destruídos.

- **Zacarias 14:16-17:** *"Todos os que restarem (sobreviverem) de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Eterno dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos."*
- **Isaías 66:19:** *"Porei entre eles um sinal e enviarei dentre os sobreviventes às nações..."*
- **Jeremias 23:3:** O Eterno declara o recolhimento do remanescente do Seu rebanho.

SÍNTESE DO PANORAMA ESCATOLÓGICO

1. **A Vinda Visível:** O encontro com Yeshua nas nuvens NÃO será secreto. Será audível e visível a todo olho (Ap 11:15-19).
2. **Os Eleitos Glorificados:** Permanecem seguros sobre o Mar de Vidro (Ap 15:2-4), galardoados e protegidos durante os juízos finais.
3. **Os Ímpios Rebeldes:** São destruídos pelas pragas e pelo juízo das Sete Taças.
4. **Os Sobreviventes das Nações:** Aqueles que não se juntaram aos exércitos de rebelião permanecerão vivos, povoarão a Terra durante o Reino Messiânico e aprenderão a Torá sob o governo do Messias e dos Seus santos (Is 2, Miq 4, Mt 25, Ap 20).

More Azarias Ben Elyahu

Estudioso da Torá e Literatura do Segundo Templo

A Elohut do Mashiach: A Divindade do Messias e Sua Relação com o Eterno

Uma abordagem fundamentada nas Escrituras, no Aramaico, no Hebraico e na Literatura Judaica Clássica

1. A FÉ NAZARENA

A fé nazarena afirma que o Eterno, Elohim de Avraham, Yitzchak e Yaakov, é *Echad*: um, único, indivisível e soberano. Não cremos que o Eterno seja três pessoas distintas, como ensina a doutrina trinitária clássica. Também não adotamos o unicismo cristão, pois nossa compreensão não nasce de categorias teológicas posteriores, mas das Escrituras, das línguas originais e da tradição judaica antiga.

O ponto central deste estudo é compreender como o Eterno, sendo incorpóreo e infinito, pode manifestar-Se no mundo criado por meio de Suas revelações, emanações ou manifestações. Na linguagem aramaica, fala-se em *qnume* ou *guwnin*, isto é, essências, naturezas ou manifestações distintas do mesmo Eterno. Assim, o Pai, a Palavra/Memra e a Ruach HaKodesh não são três deuses nem três pessoas separadas, mas manifestações do único Elohim.

2. O CONTEXTO JUDAICO

A questão do Mashiach deve ser entendida dentro deste contexto judaico. Yeshua HaMashiach, como homem, nasceu, sentiu fome, sede, dor, tristeza e morreu. Porém, o espírito que nele habitava não era meramente humano, mas a plenitude da Ruach Elohim, o Espírito do Eterno. Por isso, a natureza humana do Mashiach deve ser distinguida da manifestação divina que nele habitava.

3. A LITERATURA JUDAICA

A literatura judaica reconhece que o Eterno, embora não possua corpo por natureza, pode manifestar-Se em formas visíveis. O princípio de Maimônides de que Elohim é incorpóreo não nega o poder do Eterno de manifestar-Se conforme Sua vontade. O Eterno não é limitado pela matéria, mas também não é impedido de revelar-Se por meio dela.

4. O TALMUD

No **Talmud Bavli (Sanhedrin 95b)**, há uma tradição na qual o Santo, bendito seja, aparece diante de Senaqueribe como um homem velho. Isso mostra que a literatura rabínica preserva a ideia de manifestações

6. ADONAI TZIDKENU

Jeremias 23:6 também reforça esta visão ao declarar que o nome messiânico será "*Adonai Tzidkenu*", isto é, "*Adonai é a nossa Justiça*". A tradição judaica aplica esse texto ao Rei Messias. Portanto, o Mashiach carrega o Nome, a autoridade e a justiça do próprio Eterno.

Yeshua, então, deve ser compreendido em duas dimensões. Como homem, ele ora, sofre, obedece, ensina e morre. Como manifestação da Palavra e habitação plena da Ruach Elohim, ele revela o Eterno de modo perfeito. Quando Yeshua diz: "*Eu e o Pai somos um*", ele não está ensinando dois poderes no céu, mas a união plena entre a manifestação messiânica e o único Elohim.

Por isso, a fé nazarena não adora a carne humana isolada do Mashiach, mas reconhece e honra a presença divina que nele habitava. Adorar o Mashiach, neste sentido, é adorar o Eterno que se revelou por meio dele. O alvo da adoração continua sendo o único Elohim de Israel, manifestado em Sua Palavra, em Sua Ruach e em Seu Mashiach.

CONCLUSÃO

A *Elohut* do Mashiach não deve ser compreendida a partir de categorias cristãs posteriores, mas a partir das Escrituras, do aramaico, do hebraico e da literatura judaica. O Eterno é *Echad*, uma única realidade divina, soberana e indivisível. Contudo, esse mesmo Eterno pode revelar-Se de formas plurais sem deixar de ser um.

Yeshua HaMashiach é plenamente humano quanto à sua natureza terrena, mas nele habita a plenitude da Ruach Elohim. Ele é o Filho do Homem de Daniel, o Rei Messias sobre quem repousa o Espírito de Adonai, a manifestação da Palavra e da justiça do Eterno.

Portanto, servir e honrar o Mashiach não é idolatria, quando se compreende que o Mashiach não é outro deus, nem um segundo poder no céu, mas a revelação do próprio Eterno. A verdadeira emuná nazarena confessa: o Eterno é um, e Yeshua HaMashiach é a manifestação messiânica pela qual o Eterno revelou Sua salvação, Sua justiça e Sua presença ao mundo.

visíveis do Eterno. De modo semelhante, tradições sobre Shimon HaTzadik falam de uma presença santa no Santo dos Santos, não como homem comum nem como anjo, mas como manifestação do próprio Eterno.

Outro fundamento importante está em **Bereshit Rabbah 2:4**, onde o texto interpreta "*o Espírito de Elohim pairava sobre as águas*" como "*o espírito do Rei Messias*". Essa leitura é profundamente significativa, pois associa a Ruach Elohim de Gênesis 1:2 ao espírito messiânico. Assim, o Mashiach não é apresentado apenas como um homem ungido, mas como aquele sobre quem repousa a própria Ruach do Eterno, conforme Isaías 11:2: "*E repousará sobre ele o Espírito de Adonai*".

5. A VISÃO DO PROFETA DANIEL

Daniel 7:13-14 também é central para esta compreensão. O profeta contempla "*um como Filho do Homem*" vindo nas nuvens do céu, recebendo domínio, glória, reino e serviço de todos os povos, nações e línguas. A tradição rabínica, incluindo interpretações como Rashi e Sanhedrin 98a, identifica esta figura com o Rei Messias. O fato de o Filho do Homem receber serviço universal mostra que o Mashiach participa da autoridade celestial do Eterno.

A palavra aramaica usada em Daniel 7:14, relacionada a servir ou prestar serviço (*pelach*), possui sentido religioso no contexto de Daniel. Por isso, muitos intérpretes entendem que o Filho do Homem recebe uma forma de serviço divino. Isso não significa adorar um homem separado de Elohim, mas reconhecer que o Mashiach é a manifestação visível da presença divina, a forma pela qual o Eterno se revela à humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias: Bíblia Hebraica Stuttgartensia; The Aramaic Peshitta; Talmud Bavli (Sanhedrin 95b, 98a); Talmud Yerushalmi (Ta'anit 65b); Bereshit Rabbah 2:4; Mekhila de Rabi Ishmael; Zohar (Pritzker Edition); Comentários de Rashi, Maimônides (13 Princípios) e Nachmânides.

Obras Acadêmicas e Rabínicas: BOYARIN, Daniel. *The Jewish Gospels* (2012); SEGAL, Alan F. *Two Powers in Heaven* (1977); KAPLAN, Aryeh. *Handbook of Jewish Thought* (1979); SHAPIRA, Yitzhak. *The Return of the Kosher Pig* (2013); JASTROW, Marcus. *Dictionary of the Targumim and Talmud*; HALOT & BDB Lexicons.

Escrituras Citadas: Gn 1:1–2; Êx 15:3, 24:1; Is 11:2; Jr 23:5–6; Dn 7:9–14; Jo 1:1, 10:30; Cl 2:9.

O CALENDÁRIO ZADOKITA ENOQUEANO À LUZ DOS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS DE QUMRAN

Evidências Históricas, Arqueológicas e Científicas do Calendário Solar de 364 Dias

INTRODUÇÃO

Desde a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto entre os anos de 1947 e 1956, nas cavernas de Qumran, o estudo do calendário utilizado pelas antigas comunidades judaicas do período do Segundo Templo passou por uma profunda transformação [cite: 1]. Antes dessas descobertas, acreditava-se que o calendário lunissolar era praticamente unânime entre todos os grupos judaicos [cite: 1]. Entretanto, dezenas de manuscritos revelaram a existência de um calendário solar altamente estruturado, utilizado por sacerdotes que reivindicavam preservar as antigas tradições da Casa de Zadoque [cite: 1]. Esses documentos lançaram nova luz sobre a cronologia bíblica e sobre a organização litúrgica de Israel [cite: 1].

As escavações arqueológicas conduzidas por Roland de Vaux e, posteriormente, os estudos paleográficos realizados por Frank Moore Cross, Emanuel Tov, Florentino García Martínez e James VanderKam demonstraram que diversos manuscritos encontrados em Qumran pertenciam a uma tradição calendárica distinta daquela adotada posteriormente pelo judaísmo rabínico [cite: 1]. O sistema descrito nesses documentos apresenta um ano fixo de trezentos e sessenta e quatro dias, dividido em cinquenta e duas semanas completas [cite: 1]. Essa organização permitia que todas as festas do Eterno ocorressem sempre no mesmo dia da semana [cite: 1].

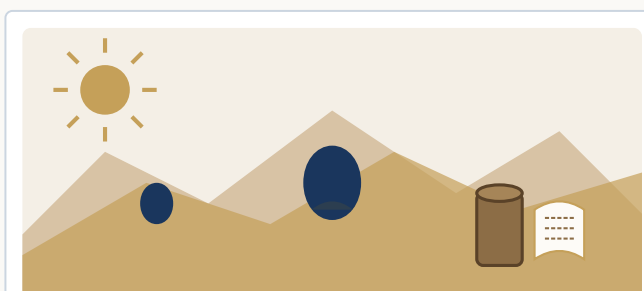


Figura 1: Representação artística das Cavernas de Qumran e do achado dos Manuscritos do Mar Morto (4Q320-330).

Entre os manuscritos mais importantes encontram-se os chamados textos calendáricos, classificados como 4Q320 até 4Q330, além de passagens preservadas em Jubileus e em I Enoque [cite: 1]. Esses escritos descrevem detalhadamente a sucessão das semanas, os ciclos sacerdotais (Mishmarot), as estações do ano (Tekufot) e a ordem das festas sagradas [cite: 1]. A convergência entre esses documentos demonstra que não se trata de um

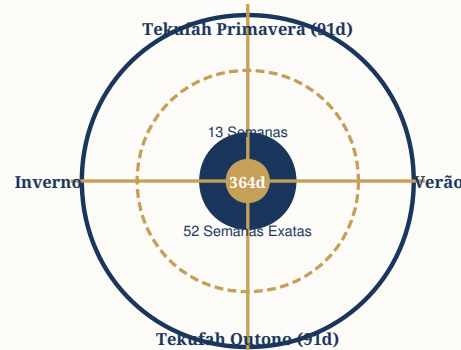


Figura 2: Estrutura matemática do Calendário Solar de 364 dias: 4 estações de 91 dias (13 semanas cada) e 4 dias de Tekufah [cite: 2].

Cada uma das quatro estações termina com um dia adicional, conhecido pelos estudiosos como dia da Tekufah (mudança de estação) [cite: 2]. Esses quatro dias complementares são mencionados na literatura enoqueana e em Jubileus como marcos que dividem o ano em quatro partes perfeitamente simétricas [cite: 2]. Dessa forma, o calendário mantém sua estabilidade interna, assegurando que todas as solenidades prescritas na Torá ocorram sempre na mesma posição dentro do ciclo semanal, sem necessidade de ajustes mensais baseados na observação da lua [cite: 2].

O aspecto mais notável desse calendário é sua dependência exclusiva do movimento anual do Sol [cite: 2]. Diferentemente do calendário lunissolar, que exige intercalações periódicas para manter a correspondência entre os meses e as estações agrícolas, o calendário sacerdotal organiza todo o ano em ciclos fixos [cite: 2]. O equinócio da primavera marca o início do novo ano, conforme a tradição preservada em I Enoque, estabelecendo uma relação entre a ordem da criação e a ordem do tempo litúrgico [cite: 2].

Sob a perspectiva científica, diversos estudiosos observaram que a estrutura apresentada nos manuscritos revela um conhecimento astronômico bastante sofisticado para a época [cite: 2]. O sistema utiliza uma divisão regular do ano em quatro partes iguais, preservando a simetria do calendário e facilitando sua utilização nas atividades sacerdotais [cite: 2]. Essa regularidade permitia prever antecipadamente todas as festas, os turnos sacerdotais (Mishmarot) e as leituras litúrgicas, sem depender da observação mensal do crescente lunar [cite: 2].

calendário isolado, mas de um complexo sistema cronológico utilizado por uma comunidade sacerdotal organizada [cite: 1].

A importância científica desses manuscritos vai além da arqueologia [cite: 1]. A análise paleográfica, a datação por radiocarbono e os estudos comparativos entre diferentes fragmentos confirmam que tais documentos foram copiados entre os séculos III a.C. e I d.C., preservando tradições muito anteriores ao período de sua redação [cite: 1, 2]. Dessa forma, o calendário solar de Qumran representa uma das mais antigas tradições cronológicas preservadas do judaísmo antigo, oferecendo aos pesquisadores uma fonte histórica de extraordinário valor [cite: 1].

O presente estudo tem por objetivo apresentar o Calendário Zadokita Enoqueano sob uma perspectiva histórica, arqueológica e científica [cite: 1]. Serão analisados os principais manuscritos encontrados em Qumran, suas características cronológicas, sua relação com os livros de I Enoque e Jubileus, bem como as evidências que sustentam a existência de um calendário sacerdotal solar utilizado durante o período do Segundo Templo [cite: 1]. Busca-se, assim, compreender a relevância desse sistema para os estudos bíblicos e para a história do judaísmo antigo [cite: 1].

DESENVOLVIMENTO

1. As Descobertas Arqueológicas de Qumran

A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto ocorreu em 1947, quando beduínos encontraram antigos pergaminhos nas cavernas próximas às ruínas de Qumran, na margem noroeste do Mar Morto [cite: 1]. Nos anos seguintes foram identificadas onze cavernas contendo aproximadamente novecentos manuscritos e milhares de fragmentos pertencentes ao período do Segundo Templo [cite: 1].

As escavações dirigidas pela École Biblique de Jerusalém revelaram que muitos desses manuscritos pertenciam a uma comunidade sacerdotal fortemente preocupada com a pureza ritual, a observância da Torá e a correta marcação das festas sagradas [cite: 1]. Entre esses documentos destacam-se diversos calendários litúrgicos que demonstram uma cronologia completamente diferente do calendário lunar posteriormente adotado pelo judaísmo rabínico [cite: 1].

2. Os Manuscritos Calendáricos de Qumran

Entre os documentos mais importantes encontram-se os manuscritos classificados como 4Q320, 4Q321, 4Q322, 4Q323, 4Q324, 4Q325, 4Q326, 4Q327, 4Q328, 4Q329 e 4Q330 [cite: 1]. Esses textos são conhecidos como

4. I Enoque e Jubileus como Testemunhas do Calendário Solar

Muito antes da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, os livros de I Enoque e Jubileus já descreviam um calendário solar de trezentos e sessenta e quatro dias [cite: 2]. Entretanto, durante muitos séculos esses textos foram considerados isolados ou até mesmo especulativos [cite: 2]. As descobertas de Qumran alteraram completamente esse cenário, pois fragmentos de ambos os livros foram encontrados nas cavernas, demonstrando que circulavam amplamente entre as comunidades judaicas do período do Segundo Templo [cite: 2].

O chamado Livro Astronômico de I Enoque (capítulos 72–82) apresenta uma descrição detalhada das portas solares, das quatro estações, dos ciclos anuais e da duração do ano em 364 dias [cite: 2]. O texto afirma que esse calendário foi revelado ao patriarca Enoque pelo anjo Uriel, sendo transmitido como parte da sabedoria celestial destinada às gerações futuras [cite: 2]. A preocupação central do livro é preservar a ordem estabelecida pelo Criador desde a fundação do mundo [cite: 2].

O Livro dos Jubileus reforça essa mesma tradição ao advertir que aqueles que abandonassem o calendário solar passariam a profanar os dias santos e a celebrar as festas em datas incorretas [cite: 2]. Jubileus afirma que um calendário baseado exclusivamente na lua produziria confusão entre os tempos determinados por Elohim [cite: 2]. Essa crítica demonstra que já existia, no século II a.C., um intenso debate entre diferentes sistemas calendáricos dentro do judaísmo [cite: 2].

A concordância entre I Enoque, Jubileus e os manuscritos calendáricos de Qumran constitui uma das evidências mais fortes da existência histórica desse calendário sacerdotal [cite: 2]. Não se trata de uma tradição isolada preservada por um único livro, mas de um conjunto consistente de documentos independentes que apresentam a mesma estrutura cronológica, confirmando que o calendário solar fazia parte da identidade religiosa de determinados grupos sacerdotais do período do Segundo Templo [cite: 2].

5. A Confirmação Arqueológica e Científica Moderna

Os avanços da arqueologia e das ciências aplicadas permitiram confirmar a autenticidade dos manuscritos calendáricos encontrados em Qumran [cite: 2]. Estudos paleográficos demonstraram que os diferentes fragmentos foram copiados entre aproximadamente 250 a.C. e 70 d.C., preservando uma tradição muito anterior às datas de sua

Manuscritos das Mishmarot, pois descrevem simultaneamente o calendário anual e a sequência das vinte e quatro divisões sacerdotais estabelecidas em I Crônicas 24 [cite: 1].

Os pesquisadores observaram que esses manuscritos registram continuamente a sucessão das semanas sem qualquer interrupção [cite: 1]. O ano possui exatamente cinquenta e duas semanas, totalizando trezentos e sessenta e quatro dias [cite: 1]. Como resultado, cada festa bíblica ocorre permanentemente no mesmo dia da semana, característica impossível em um calendário baseado nas fases lunares [cite: 1].

3. A Estrutura Científica do Calendário de 364 Dias

O calendário encontrado nos manuscritos de Qumran apresenta uma estrutura matemática extremamente precisa [cite: 2]. O ano possui exatamente 364 dias, distribuídos em quatro estações de 91 dias cada [cite: 2]. Cada estação é composta por treze semanas, perfazendo um total anual de cinquenta e duas semanas completas [cite: 2]. Essa organização permite que o ciclo semanal jamais seja interrompido, preservando continuamente a sequência dos dias desde a criação [cite: 2]. A regularidade desse sistema elimina as variações típicas dos calendários lunares, nos quais as festas podem ocorrer em diferentes dias da semana a cada ano [cite: 2].

redação [cite: 2]. A comparação das formas das letras hebraicas, da ortografia e dos estilos de escrita permitiu estabelecer uma cronologia confiável para esses documentos [cite: 2].

Além da paleografia, análises por radiocarbono (Carbono-14) realizadas em diversos manuscritos confirmaram que os pergaminhos pertencem efetivamente ao período do Segundo Templo [cite: 2]. Esses resultados reforçam a confiabilidade histórica dos textos e demonstram que o calendário solar não é uma construção medieval ou uma hipótese moderna, mas uma tradição documentada arqueologicamente e preservada por uma comunidade judaica real [cite: 2].

Pesquisadores como James C. VanderKam, Sacha Stern, Emanuel Tov, Florentino García Martínez, Jonathan Ben-Dov, Michael Wise, Lawrence Schiffman e John C. Reeves dedicaram décadas ao estudo desses manuscritos [cite: 2]. Seus trabalhos demonstram que o calendário solar constitui um dos elementos centrais da identidade da comunidade de Qumran, estando diretamente relacionado à organização dos turnos sacerdotais, às festas bíblicas e à compreensão da história sagrada [cite: 2].

Os estudos contemporâneos também evidenciam que a disputa calendárica foi uma das principais causas da separação entre os sacerdotes de Qumran e o sacerdócio oficial de Jerusalém [cite: 2]. Para essa comunidade, preservar o calendário correto significava manter a fidelidade à ordem estabelecida por Elohim na criação [cite: 2]. Assim, o calendário deixava de ser apenas um instrumento para medir o tempo e passava a representar um símbolo de aliança, santidade e identidade religiosa [cite: 2].

CONCLUSÃO

Os Manuscritos do Mar Morto constituem uma das maiores descobertas arqueológicas do século XX e transformaram profundamente o conhecimento moderno acerca do judaísmo do período do Segundo Templo [cite: 2]. Entre os diversos documentos encontrados nas cavernas de Qumran, os manuscritos calendáricos revelam a existência de um sofisticado sistema solar de 364 dias, organizado em cinquenta e duas semanas completas e intimamente ligado ao serviço sacerdotal da linhagem de Zadoque [cite: 2]. Essas descobertas demonstram que o calendário solar não era uma teoria isolada, mas uma tradição viva preservada por uma importante comunidade judaica [cite: 2].

As evidências arqueológicas mostram que o calendário descrito em I Enoque e no Livro dos Jubileus coincide de maneira notável com os manuscritos 4Q320–4Q330, conhecidos como os textos das Mishmarot [cite: 2]. A

convergência entre essas fontes independentes reforça a autenticidade histórica desse sistema cronológico [cite: 2]. A comunidade de Qumran entendia que a correta observância das festas dependia da preservação da ordem estabelecida pelo Criador desde a criação do mundo, razão pela qual rejeitava os calendários baseados exclusivamente nos ciclos lunares [cite: 2].

Os estudos científicos realizados nas últimas décadas, utilizando paleografia, datação por radiocarbono, análise codicológica e reconstrução digital dos manuscritos, confirmaram a antiguidade e a autenticidade dos textos calendáricos [cite: 2]. Pesquisadores de diversas universidades internacionais reconhecem atualmente que o calendário solar ocupa posição central na literatura de Qumran e representa um dos elementos mais característicos da identidade religiosa daquela comunidade sacerdotal [cite: 2].

Do ponto de vista histórico, o Calendário Zadokita Enoqueano demonstra que, durante o período do Segundo Templo, coexistiam diferentes sistemas cronológicos entre os grupos judaicos [cite: 2]. Fariseus, saduceus, essênios e outros movimentos possuíam compreensões distintas acerca da marcação do tempo sagrado [cite: 2]. Essa diversidade explica muitos dos debates registrados na literatura judaica antiga e oferece novas perspectivas para a interpretação dos textos bíblicos e intertestamentários [cite: 2].

Sob a perspectiva teológica, o calendário preservado em Qumran expressa a convicção de que o tempo pertence exclusivamente ao Criador e deve refletir a ordem estabelecida na criação [cite: 2]. A regularidade das semanas, a fixidez das festas e a harmonia entre as estações do ano representam, para essa tradição, a manifestação da sabedoria divina na organização do cosmos [cite: 2]. Assim, o estudo do Calendário Zadokita Enoqueano ultrapassa o campo da cronologia e torna-se uma importante chave para compreender a espiritualidade, a liturgia e a esperança escatológica do judaísmo antigo [cite: 2].

Finalmente, os achados arqueológicos de Qumran continuam oferecendo novas contribuições para os estudos bíblicos, históricos e arqueológicos [cite: 2]. A cada nova reconstrução de fragmentos e a cada avanço nas tecnologias de análise documental, amplia-se o conhecimento sobre a vida religiosa das comunidades sacerdotais do deserto da Judeia [cite: 2]. O Calendário Zadokita Enoqueano permanece, portanto, como um dos mais extraordinários testemunhos da preservação da tradição sacerdotal de Israel e um dos mais importantes legados deixados pelos Manuscritos do Mar Morto à pesquisa científica contemporânea [cite: 2].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (ABNT) [CITE: 2]

BEN-DOV, Jonathan. *Head of All Years: Astronomy and Calendars at Qumran in Their Ancient Context*. Leiden: Brill, 2008 [cite: 2].

BROOKE, George J. *The Dead Sea Scrolls and the New Testament*. Minneapolis: Fortress Press, 2005 [cite: 2].

CROSS, Frank Moore. *The Ancient Library of Qumran and Modern Biblical Studies*. 3. ed. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995 [cite: 2].

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino; TIGCHELAAR, Eibert J. C. *The Dead Sea Scrolls Study Edition*. 2 vols. Leiden: Brill, 1997–1998 [cite: 2].

MILIK, Józef Tadeusz. *The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4*. Oxford: Clarendon Press, 1976 [cite: 2].

SCHIFFMAN, Lawrence H. *Reclaiming the Dead Sea Scrolls*. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1994 [cite: 2].

STERN, Sacha. *Calendar and Community: A History of the Jewish Calendar, Second Century BCE – Tenth Century CE*. Oxford: Oxford University Press, 2001 [cite: 2].

TALMON, Shemaryahu. *The World of Qumran from Within*. Jerusalem: Magnes Press, 1989 [cite: 2].

TOV, Emanuel. *Textual Criticism of the Hebrew Bible*. 4. ed. Minneapolis: Fortress Press, 2022 [cite: 2].

VANDERKAM, James C. *Calendars in the Dead Sea Scrolls: Measuring Time*. London: Routledge, 1998 [cite: 2].

VANDERKAM, James C. *The Book of Jubilees*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001 [cite: 2].

WISE, Michael; ABEGG, Martin; COOK, Edward. *The Dead Sea Scrolls: A New Translation*. New York: HarperCollins, 2005 [cite: 2].

Manuscritos e Fontes Antigas Citadas: [cite: 2]

Qumran: 4Q317, 4Q318, 4Q319 (Otot), 4Q320–330 (Mishmarot A–F), Documento de Damasco (CD), Regra da Comunidade (1QS), Rolo do Templo (11Q19) [cite: 2].

Fontes Clássicas: I Enoque 72–82; Livro dos Jubileus 2, 4, 6, 50; I Crônicas 24 [cite: 2].

O MESSIAS DIVINO NO LIVRO DE I ENOQUE

A Mesiologia Celestial do Livro das Parábolas e Seus Fundamentos no Período do Segundo Templo

O Livro de I Enoque, especialmente na seção conhecida como **Livro das Parábolas ou Similitudes (1 Enoque 37–71)**, apresenta uma das mais elevadas cristologias (ou messiologias) da literatura judaica do Período do Segundo Templo. Nesses capítulos, o Messias é descrito com atributos que, no Tanakh, pertencem ao próprio Elohim: preexistência, participação no juízo universal, trono de glória, adoração das nações e domínio eterno.



Figura 1: Representação simbólica da entronização do Filho do Homem em I Enoque 46–48.

1. EXISTÊNCIA ANTES DA CRIAÇÃO

I Enoque 48:2–6: "Naquela hora foi nomeado o Filho do Homem na presença do Senhor dos Espíritos, e seu nome diante do Ancião de Dias. Antes que o sol e os sinais fossem criados, antes que as estrelas do céu fossem feitas, seu nome foi invocado diante do Senhor dos Espíritos. Ele será um bastão para os justos... a luz das nações... a esperança dos que estão aflitos."

Importância: Afirma categoricamente que Ele existia antes do Sol, antes das estrelas e antes da Criação. Paralelos: Provérbios 8, João 17:5, Colossenses 1:15-17.

2. ASSENTADO NO TRONO DA GLÓRIA

I Enoque 45:3: "Naquele dia o Meu Eleito assentar-se-á sobre o trono da glória, e julgará todas as obras dos santos no alto dos céus." Paralelos: Daniel 7:13-14, Mateus 25:31, Apocalipse 3:21.

3. ADORAÇÃO DE TODAS AS NAÇÕES

I Enoque 48:5: "Todos os habitantes da terra cairão diante dele e o adorarão, bendizendo e cantando louvores ao Senhor dos Espíritos." Paralelos: Daniel 7:14 ("todos os povos o servirão"), Filipenses 2:10-11.

4. JUÍZ DE TODO O MUNDO

I Enoque 69:27: "A soma do julgamento foi entregue ao Filho do Homem." Paralelos: João 5:22 ("O Pai a ninguém julga, mas entregou todo o juízo ao Filho").

9. IDENTIFICADO COMO MESSIAS (MASHIACH)

I Enoque 52:4: Em diversas traduções aparece como "Meu Ungido" ou "O Messias" (no texto etíope preserva-se a noção do Ungido / Mashiach).

10. TÍTULOS EXALTADOS DE GLÓRIA

Ao longo do Livro das Parábolas, o mesmo personagem recebe intermutavelmente os títulos: **O Eleito, O Justo, O Filho do Homem, O Ungido e O Escolhido.**

11. NOME PRONUNCIADO ANTES DA CRIAÇÃO

I Enoque 48:3: "Seu nome foi pronunciado antes da criação do Sol." Paralelos: Miqueias 5:2, João 17:5, Apocalipse 13:8.

12. AUTORIDADE ABSOLUTA

I Enoque 69:29: "Ele fará desaparecer os pecadores da face da terra." Função executiva paralela a Isaías 11 e Apocalipse 19.

13. O JUÍZ ESCATOLÓGICO

I Enoque 61:8-9: "O Senhor dos Espíritos colocou o Espírito da Justiça sobre Ele. Julgará todas as coisas ocultas." Paralelos: Isaías 11:2-5, João 5.

14. O CENTRO DA SALVAÇÃO

I Enoque 48:7: "Nele repousa a esperança dos aflitos." Paralelos: Romanos 15:12, Isaías 11:10.

15. REVELADO DIRETAMENTE DO CÉU

I Enoque 62: O Filho do Homem manifesta-se vindo da presença do Senhor dos Espíritos para exercer o juízo universal. Paralelos: Daniel 7:13, Mateus 24:30, Apocalipse 19.

5. SUBMISSÃO DE TODOS OS REIS

I Enoque 62:3–9: *"Os reis, os poderosos e todos os que dominam a terra verão aquele Filho do Homem sentado no trono da sua glória... cairão sobre seus rostos diante dele."* Paralelos: Salmo 72, Isaías 45, Filipenses 2.

6. POSSE DE UM REINO ETERNO

I Enoque 62:14: *"O Senhor dos Espíritos fará o Filho do Homem assentar-se no trono de sua glória."* Paralelos: Daniel 7:14 ("Seu domínio é eterno").

7. A LUZ DAS NAÇÕES

I Enoque 48:4: *"Ele será luz das nações."* Paralelos: Isaías 42:6, Isaías 49:6, João 8:12.

8. HABITAÇÃO ETERNA COM OS JUSTOS

I Enoque 62:13: *"Os justos e os escolhidos serão salvos naquele dia... e viverão com aquele Filho do Homem."* Paralelos: João 14:3, Apocalipse 21.

SÍNTESE DOS ATRIBUTOS DIVINOS

ATRIBUTO DIVINO	REFERÊNCIA
Existia antes da criação	48:2-3
Nome conhecido antes do Sol	48:3
Luz das nações	48:4
Esperança dos justos	48:4-7
Recebe adoração universal	48:5
Assenta-se no Trono da Glória	45:3; 62:5
Juiz de toda a humanidade	69:27
Reino eterno	62:14
Todos os reis se prostram diante dele	62:9
Vive para sempre	62–71
Chamado Filho do Homem	Capítulos 46–71
Chamado Eleito / Ungido (Messias)	Diversas / 52:4

CONSIDERAÇÃO HISTÓRICA E EXEGÉTICA

Essas passagens são de fundamental relevância porque o Livro de I Enoque foi composto antes da era cristã, sendo datado entre os séculos III e I a.C. Isso demonstra irrefutavelmente que, dentro do judaísmo do Período do Segundo Templo, já existia a expectativa consolidada de um Filho do Homem celestial, preexistente, entronizado, investido de autoridade judicial suprema sobre a humanidade e regente de um reino eterno.

Essa sólida tradição fornece o pano de fundo histórico e teológico para a linguagem empregada sobre Yeshua nos Escritos Nazarenos, especialmente nos Evangelhos, no Prólogo de Yochanan, em Colossenses, em Hebreus e no Apocalipse.

Revista ARABOTH

Sociedade Israelita das Sendas Antigas (SISAEN) — "Retornando às Sendas Antigas"

O SHEOL EM I ENOQUE 22

A Geografia Moral do Estado Intermediário nos Escritos do Segundo Templo, Tanakh e Literatura Nazarena

INTRODUÇÃO

O capítulo 22 de I Enoque apresenta uma das descrições mais antigas e detalhadas do destino intermediário dos mortos na literatura judaica do Período do Segundo Templo [cite: 12]. O texto não retrata o Sheol simplesmente como uma sepultura física, nem como o local definitivo da recompensa e da condenação [cite: 12]. Ele o descreve como uma região subterrânea composta por cavidades ou compartimentos, nos quais os espíritos dos mortos são mantidos separados até o grande dia do julgamento [cite: 12].

Essa concepção desenvolve imagens já presentes no Tanakh, como o Sheol, o abismo, a cova e a morada dos *refaim*, mas acrescenta uma distinção moral mais explícita entre justos, pecadores e vítimas de injustiça [cite: 12]. Em I Enoque 22, a morte não elimina a identidade individual, a consciência nem a expectativa de justiça; os mortos aguardam uma decisão futura de Elohim [cite: 12].

A importância histórica do capítulo é ampliada pelo fato de que parte de I Enoque 22 foi preservada em aramaico entre os Manuscritos do Mar Morto, especificamente no manuscrito 4Q206 (4QEnoque^e), que contém fragmentos de I Enoque 22:3–7 [cite: 12]. Isso demonstra que essa tradição circulava em ambiente judaico antes da formação da literatura rabínica posterior [cite: 12].



Figura 1: Representação esquemática das quatro cavidades subterrâneas do Sheol em I Enoque 22.

1. A VISÃO DE ENOQUE

Enoque é conduzido a uma grande montanha rochosa, na qual existem cavidades profundas, lisas e separadas umas das outras [cite: 12]. No interior de uma dessas cavidades encontra-se uma fonte luminosa de água [cite: 12]. O arcanjo Rafael explica que esses lugares foram preparados para receber os espíritos dos mortos até o dia do julgamento [cite: 12]:

4. O SHEOL NOS ESCRITOS DO SEGUNDO TEMPLO

- **Jubileus 23:** Distingue os ossos que repousam na terra dos espíritos dos justos que experimentam alegria [cite: 12].
- **Sabedoria de Salomão 3-5:** Declara que as almas dos justos estão nas mãos de Elohim em paz [cite: 12].
- **II Macabeus 7:** Afirma a esperança dos mártires na ressurreição para a vida [cite: 12].
- **IV Esdras 7 & II Baruque 30:** Descrevem "câmaras" ou "depósitos" de almas guardadas até o julgamento [cite: 12].

5. A LITERATURA RABÍNICA

No Talmud (Rosh Hashaná 16b–17a) e Midrashim, o Sheol é associado ao Gehinnom e ao Gan Éden, articulando-se com a divisão dos mortos em três classes e o tesouro das almas (*guf*) sob o Trono da Glória [cite: 12].

6. A LITERATURA MÍSTICA JUDAICA

O Zohar desenvolve níveis da alma (*nefesh*, *ruach*, *neshamah*) e processos de purificação [cite: 12]. Diferente do Zohar, I Enoque 22 não apoia processos de transmigração (*gilgul*), mantendo os mortos fixos em custódia até o julgamento [cite: 12].

7. O SHEOL NOS ESCRITOS NAZARENOS

Na Septuaginta e nos Escritos Nazarenos, o termo hebraico *Sheol* é traduzido pelo grego *Hades* (ᾍδης) [cite: 12]. A parábola de Lucas 16:19–31 (o rico e Lázaro no Seio de Abraão), o Paraíso (Lc 23:43), a proclamação no Hades (At 2:27, 1 Pe 3:18) e a visão dos mártires debaixo do altar (Ap 6:9–11) espelham diretamente o quadro teológico de I Enoque 22 [cite: 12]. A consumação ocorre quando a Morte e o Hades entregam seus mortos para a ressurreição e são lançados no lago de fogo (Ap 20:12–14) [cite: 12].

"Essas cavidades foram criadas para que nelas se reunissem os espíritos das almas dos mortos; para isso foram feitas, para reuni-los até o dia do julgamento."
[cite: 12]

A ideia central é clara: algo da pessoa continua existindo após a morte e é conduzido a um lugar determinado [cite: 12]. Os compartimentos servem para manter os mortos separados conforme sua condição moral e judicial [cite: 12].

2. OS COMPARTIMENTOS DO SHEOL

2.1 O Lugar dos Justos

O primeiro compartimento é destinado aos espíritos dos justos, distinguindo-se por conter uma fonte luminosa de água que representa refrigério, vida, paz e esperança [cite: 12]. Os justos permanecem em descanso, protegidos e consolados, aguardando o julgamento e a ressurreição — forma antiga do que mais tarde seria denominado Paraíso, Seio de Abraão ou Tesouro das Almas [cite: 12].

2.2 O Lugar de Abel e das Vítimas de Injustiça

Enoque ouve a voz do espírito de Abel, assassinado por Caim, que clama continuamente por justiça [cite: 12]. Essa passagem desenvolve diretamente Gênesis 4:10, personificando o clamor na voz do próprio espírito da vítima [cite: 12]. Esse compartimento representa os mártires e os justos assassinados cujas almas aguardam a vindicação divina, numa imagem em perfeita correspondência com Apocalipse 6:9–11 [cite: 12].

2.3 O Lugar dos Pecadores Impunes em Vida

Reservado aos pecadores que faleceram sem receber punição na Terra [cite: 12]. Mantidos em sofrimento antecipado até o grande juízo, esse registro responde à clássica indagação sapiencial (Salmos 73, Jó 21, Jeremias 12:1) ao demonstrar que a prosperidade terrena do ímpio não invalida a sentença celestial futura [cite: 12].

2.4 O Lugar dos Transgressores Consumados

Destinado aos homens de impiedade consumada [cite: 12]. O texto sugere uma exclusão da ressurreição para a vida e a permanência definitiva sob a condenação escatológica [cite: 12].

3. O SHEOL NO TANAKH

No Tanakh, Sheol (שְׁאוֹל) é a região para onde descem os mortos [cite: 12]. Em passagens como Gênesis 37:35 (Jacó) e Jó 14:13, é uma morada temporária ou sepulcro geral dos mortos [cite: 12]. Contudo, passagens como Isaías 14:9 (os *refaim*) e Ezequiel 32:17–32 já insinuam identidade, memória e uma organização entre os mortos [cite: 12].

SÍNTESE COMPARATIVA

COMPARTIMENTO (I ENOQUE 22)	ESTADO E CARACTERÍSTICAS	PARALELO NAZARENO / TANAKH
1. Justos	Fonte luminosa, refrigério e paz	Seio de Abraão / Paraíso / Gan Éden
2. Abel e Mártires	Clamor contínuo por justiça divina	Almas debaixo do altar (Ap 6:9)
3. Pecadores Impunes	Sufrimento antecipado até o Juízo	O rico no tormento (Lc 16)
4. Transgressores	Permanência na condenação/sem elevação	Vergonha e desprezo eterno (Dn 12:2)

CONCLUSÃO

I Enoque 22 consolida a visão do Sheol como uma morada intermediária, compartimentada e temporária [cite: 12]. O corpo retorna ao pó, enquanto o espírito aguarda em custódia moralmente distinta [cite: 12]. Essa tradição prepara o terreno para o ensino nazareno, cuja esperança final não é o desencarnamento eterno, mas a ressurreição corpórea e a vitória absoluta de Elohim sobre a morte [cite: 12].

Moré Azarias Ben Elyahu

Sociedade Israelita das Sendas Antigas (SISAEN) — "Retornando às Sendas Antigas"

O relato do profeta Samuel em I Samuel 28 pressupõe a preservação da consciência após a morte [cite: 12]. Cânticos como o de Ana (I Sm 2:6), os Salmos 16:10 e 49:15, e os textos proféticos de Isaías 26:19 e Daniel 12:2 afirmam o poder de Elohim para retirar do Sheol e estabelecem a ressurreição e a separação moral definitiva [cite: 12].

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA PARASHÁ SEMANAL

Preservação da Memória, Unidade Comunitária e Fundamento das Escrituras de Israel

INTRODUÇÃO

O estudo semanal da Parashá constitui uma das práticas mais importantes para a preservação, compreensão e vivência da Torá. A palavra hebraica *parashá* — פָּרָשָׁה — significa “seção”, “porção” ou “divisão” e designa cada uma das partes em que os cinco livros de Moshe foram organizados para a leitura pública e o estudo contínuo.

Por meio desse ciclo, a comunidade percorre regularmente a narrativa da criação, a história dos patriarcas, a libertação do Egito, a entrega da Torá, a caminhada no deserto e os mandamentos concedidos a Israel. A leitura da Parashá não é apenas uma tradição litúrgica ou repetição anual de textos conhecidos; cada porção apresenta princípios espirituais, morais, históricos e proféticos aplicáveis à vida individual e comunitária.

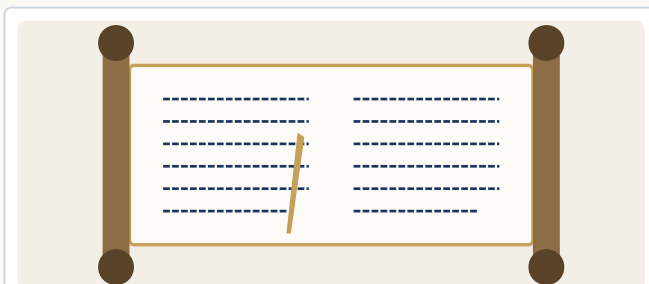


Figura 1: O Rolo da Torá (Sefer Torah) e a leitura contínua das porções semanais.

O estudo da Parashá estabelece uma disciplina pedagógica. Em vez de escolher apenas textos agradáveis, o leitor percorre toda a Torá — narrativas, genealogias, leis civis, instruções sacerdotais e mandamentos éticos —, impedindo que a fé seja construída sobre passagens isoladas ou interpretações pessoais.

Para a fé nazarena, a Parashá oferece o contexto indispensável para compreender os Profetas, os Escritos e os ensinamentos de Yeshua HaMashiach, cujas palavras e parábolas dialogam diretamente com os livros de Moshe.

A TORÁ COMO FUNDAMENTO DAS ESCRITURAS

A Torá ocupa a posição fundamental no Tanakh. Os Profetas e os Escritos não anulam seus princípios, mas os confirmam e aplicam a circunstâncias históricas. Quando os profetas condenavam a injustiça ou a idolatria, convocavam Israel a retornar à aliança estabelecida na Torá.

Temas como criação, aliança, eleição, santidade, justiça, misericórdia, sacerdócio e redenção surgem na Torá e

A RELAÇÃO ENTRE PARASHÁ E HAFTARAH

A leitura da Torá é acompanhada por uma passagem complementar dos Profetas, denominada *Haftarah*. Essa conexão ensina a leitura comparativa, demonstrando como os mandamentos foram vividos ou restaurados em diferentes épocas e reforçando a unidade de toda a Bíblia.

COMPREENSÃO DE YESHUA E DOS ESCRITOS NAZARENOS

Yeshua viveu e ensinou no ambiente de Israel. Suas palavras sobre amor a Elohim e ao próximo, Shabat, pureza e justiça utilizam textos de *Devarim* e *Vayikrá*. Expressões como o "Cordeiro de Pessach", o "Maná" e o "Sumo Sacerdote" dependem diretamente da Torá para não serem reduzidas a metáforas abstratas.

A PARASHÁ E OS ESCRITOS DO SEGUNDO TEMPLO

A leitura da Parashá pode ser enriquecida pelos escritos judaicos do Período do Segundo Templo (I Enoque, Jubileus, Manuscritos de Qumran). O Livro dos Jubileus reconta partes de Bereshit e Shemot; I Enoque desenvolve a ordem da criação; e os manuscritos de Qumran revelam o estudo sacerdotal da Torá, iluminando o ambiente de surgimento dos Escritos Nazarenos.

A APLICAÇÃO ÉTICA DA TORÁ

A Torá orienta o caráter e a conduta comunitária, exigindo proteção ao vulnerável, honestidade nos negócios e justiça social. A santidade bíblica manifesta-se no cotidiano, motivada pelo amor e pela fidelidade a Elohim.

CONSTRUÇÃO DA UNIDADE E PROTEÇÃO DOUTRINÁRIA

O estudo simultâneo da mesma porção conecta famílias, líderes e comunidades ao redor do mundo. A leitura sequencial e contínua protege contra a extração de versículos fora de contexto, promovendo uma interpretação madura e responsável.

A RENOVAÇÃO ANUAL DO APRENDIZADO

Embora o ciclo se repita anualmente, o estudante amadurece e descobre novas profundidades no texto. A repetição não é estagnação, mas transformação contínua pela Palavra.

funcionam como chave de interpretação para o Tanakh e para os Escritos Nazarenos, impedindo que textos proféticos sejam retirados de seu contexto original.

A FORMAÇÃO DE UMA DISCIPLINA ESPIRITUAL

O conhecimento das Escrituras desenvolve-se mediante estudo contínuo, meditação e aplicação. A divisão semanal proporciona um ritmo equilibrado: o estudo individual ao longo dos dias culmina no Shabat, onde a comunidade compartilha reflexões e instrução.

Essa rotina desenvolve perseverança e protege contra uma espiritualidade baseada apenas em emoções oscilantes, ancorando a fé na estabilidade da Palavra de Elohim.

A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DE ISRAEL

A Torá ordena que a história da aliança seja ensinada de geração em geração. Ao percorrer os livros de *Bereshit*, *Shemot*, *Vayikrá*, *Bamidbar* e *Devarim*, a comunidade reacende a memória bíblica, reconhecendo que a libertação e a aliança formam a identidade de Israel e oferecem exemplos vivos de fé e arrependimento.

ORIENTAÇÕES PARA O ESTUDO

- Inicie pela leitura integral da Parashá para compreender sua estrutura geral.
- Analise as seções observando mandamentos, repetições e o caráter de Elohim.
- Compare com a Haftarah, os Salmos, os Escritos do Segundo Templo e os Escritos Nazarenos.
- Busque a aplicação prática, transformando o ensino em justiça, gratidão e fidelidade.

"Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as ensinarás diligentemente a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te."

— *Devarim / Deuteronômio 6:6-7*

SISAEN

Sociedade Israelita das Sendas Antigas

A GRANDE TRIBULAÇÃO E AS SETE TROMBETAS DO APOCALIPSE

Uma Análise Hermenêutica dos Juízos, Sinais Celestiais e a Esperança do Reino Messiânico

INTRODUÇÃO

A profecia bíblica apresenta a Grande Tribulação como um período de conflito, juízo e intensa angústia para as nações [cite: 16]. Antes da manifestação plena da guerra, porém, poderá surgir uma aparente estabilidade política, sustentada por promessas de paz e segurança [cite: 16]. Shaul HaShaliach advertiu:

"Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão."

— **1 Tessalonicenses 5:3** [cite: 16]

Essa declaração adverte contra uma segurança construída sem arrependimento, justiça e submissão ao governo de Elohim [cite: 16]. A humanidade acreditará ter alcançado estabilidade, mas a crise chegará de maneira repentina [cite: 16].

Em uma interpretação escatológica de Apocalipse 6, o cavaleiro branco pode representar um governante conquistador que surge apresentando-se como solução para os conflitos mundiais [cite: 16]. Esse líder poderá estabelecer um acordo aparente de paz, mas depois se tornará adversário de Israel e das nações, sendo sua atuação relacionada à figura de Gogue, da terra de Magogue (Ezequiel 38–39) [cite: 16]. As trombetas do Apocalipse anunciam a aproximação do julgamento de Elohim, possuindo simultaneamente o sentido de juízo, guerra e alerta espiritual [cite: 16].

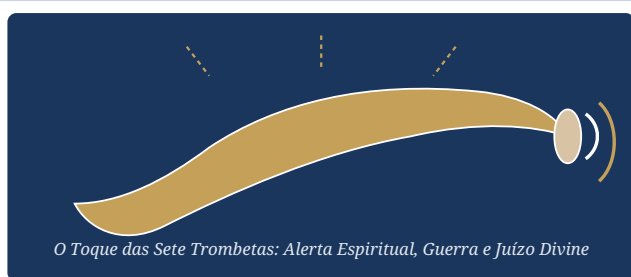


Figura 1: Representação artística das Trombetas Apocalípticas anunciando o Dia do Eterno [cite: 16].

1. PAZ, SEGURANÇA E REPENTINA DESTRUÇÃO

Shaul explica que o Dia do Eterno chegará como ladrão durante a noite para aqueles que estiverem espiritualmente despreparados, enquanto os filhos da luz permanecem vigilantes [cite: 16]. Essa vigilância relaciona-se à parábola das dez virgens (Mateus 25:1–13),

8. A SEXTA TROMBETA: OS ANJOS DO EUFRATES

Apocalipse 9:14–21: Libertação de quatro anjos no rio Eufrates, desencadeando um exército de duzentos milhões de cavaleiros que mata uma terça parte da humanidade [cite: 16]. O aspecto mais grave reside na dureza de coração, pois os sobreviventes continuam na idolatria e imoralidade sem se arrependerem [cite: 16].

9. A GUERRA DE GOGUE E MAGOGUE

Ezequiel 38–39 descreve a coalizão liderada por Gogue contra Israel, derrotada pela intervenção direta de Elohim com terremotos, saraiva e fogo [cite: 16]. Essa batalha relaciona-se à intensificação dos conflitos mundiais na sexta trombeta e à rebelião descrita em Apocalipse 20:7–10 [cite: 16].

10. A ANGÚSTIA DE JACÓ

Jeremias 30:7, Daniel 12:1 e Mateus 24:21 retratam um tempo de tribulação sem precedentes [cite: 16]. Contudo, a profecia assegura o livramento do remanescente e a salvação do povo de Elohim [cite: 16].

11. SEXTA TROMBETA X SEXTA TAÇA

SEXTA TROMBETA (AP 9)	SEXTA TAÇA (AP 16)
Quatro anjos junto ao Eufrates	Secamento do rio Eufrates
Grande exército de cavaleiros	Reis provenientes do Oriente
Mortandade de 1/3 da humanidade	Reunião no Armagedom
Fogo, fumaça e enxofre	Espíritos impuros conduzem nações

12. A SÉTIMA TROMBETA E O REINO

Apocalipse 11:15–18: O sétimo anjo toca a trombeta e vozes no céu proclamam que os reinos do mundo se tornaram do Eterno e do Seu Messias [cite: 16]. Associa-se à "última trombeta" de 1 Coríntios 15:52 e 1 Tessalonicenses 4:16–17, assinalando a ressurreição dos mortos, a recompensa dos santos e a consumação do Reino [cite: 16].

nas quais as prudentes possuíam azeite em suas lâmpadas [cite: 16]. As trombetas assinalam que o Reino está se aproximando e que o Noivo em breve Se manifestará [cite: 16].

2. OS ELEITOS DURANTE AS PRAGAS

Assim como no Êxodo Elohim fez distinção entre Israel e os egípcios, os eleitos poderão estar no mundo durante parte dos juízos, recebendo preservação soberana [cite: 16]. Embora o Apocalipse mencione mártires, o Salmo 91:7–8 assegura a proteção sob o cuidado do Altíssimo e a vitória assegurada na ressurreição [cite: 16].

3. A PRIMEIRA TROMBETA: FOGO SOBRE A TERRA

Apocalipse 8:7: Saraiva, fogo e sangue queimam a terça parte da terra, das árvores e da erva verde [cite: 16]. Remete à sétima praga do Egito (Êxodo 9:24) e ao cavalo vermelho (Apocalipse 6:4), apontando para destruição ambiental, perda agrícola ou conflitos bélicos devastadores [cite: 16].

4. A SEGUNDA TROMBETA: O GRANDE MONTE NO MAR

Apocalipse 8:8–9: Uma grande montanha ardendo em fogo é lançada no mar, convertendo em sangue a terça parte das águas e destruindo a terça parte das criaturas marinhas e das embarcações, afetando simultaneamente o comércio, o ambiente e a vida humana [cite: 16].

5. A TERCEIRA TROMBETA: A ESTRELA ABSINTO

Apocalipse 8:10–11: A queda da estrela Absinto contamina as águas doces e fontes dos rios [cite: 16]. O absinto simboliza amargura e juízo (Jeremias 9:15), podendo indicar contaminação hídrica literal ou corrupção espiritual e engano de falsas doutrinas [cite: 16].

6. A QUARTA TROMBETA: O ESCURECIMENTO DOS LUMINARES

Apocalipse 8:12: A terça parte do sol, da lua e das estrelas é ferida [cite: 16]. Reflete o escurecimento dos astros (Joel 2:31), simbolizando o colapso de potências políticas, cativeiro de autoridades, e perturbações atmosféricas por fumaça e guerras [cite: 16].

7. A QUINTA TROMBETA: O EXÉRCITO DO ABISMO

Apocalipse 9:1–12: O poço do abismo é aberto e dele saem seres em forma de gafanhotos preparados para a guerra, sob o comando do anjo do abismo, Abadom (hebraico) /

13. AS TROMBETAS E A CHEGADA DO NOIVO

A preparação dos fiéis exige ter o azeite da fidelidade, santidade e obediência à Torá [cite: 16]. O conhecimento profético deve produzir transformação interior, amor, justiça e resistência contra todo o engano [cite: 16].

CONCLUSÃO

As Sete Trombetas revelam a soberania de Elohim sobre a história humanitária [cite: 16]. Os juízos despertam o mundo e relembram que os reinos humanos são passageiros [cite: 16]. Ao som da última trombeta, os santos serão glorificados e o Reino do Messias reinará para todo o sempre [cite: 16].

*"Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Messias, e ele reinará para todo o sempre."
— Apocalipse 11:15 [cite: 16]*

SISAEN

Sociedade Israelita das Sendas Antigas [cite: 16]

Apoliom (grego) [cite: 16]. Eles atormentam por cinco meses aqueles que não possuem o selo de Elohim na testa [cite: 16].

TERREMOTO NA VENEZUELA E OS SINAIS DA SEGUNDA VINDA DO MESSIAS

Análise Geológica, Reflexão Teológica e Vigilância Sóbria Diante do Princípio das Dores

INTRODUÇÃO

Em 24 de junho de 2026, a região norte da Venezuela foi atingida por dois fortes terremotos, de magnitudes 7,2 e 7,5, ocorridos com poucos segundos de intervalo e a aproximadamente 160 quilômetros a oeste de Caracas. O Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS) classificou a sequência como um evento de grande intensidade e advertiu para a ocorrência de deslizamentos significativos em razão do relevo e da força dos tremores.

O desastre atingiu especialmente o estado costeiro de La Guaira, além de Caracas e outras áreas do norte venezuelano. Até 18 de julho, as autoridades informavam mais de 5 mil mortos, aproximadamente 16,7 mil feridos e mais de 1.300 réplicas sísmicas (AP News). Centenas de edifícios foram danificados ou completamente destruídos, enquanto estradas, pontes e serviços essenciais sofreram graves prejuízos.



Figura 1: Representação gráfica do sismograma e da dinâmica tectônica da região norte da Venezuela.

Diante de tamanha tragédia, muitas pessoas perguntam se os terremotos contemporâneos representam sinais da proximidade da Segunda Vinda de Yeshua HaMashiach. Essa pergunta é legítima dentro da esperança profética, pois os Evangelhos e o Apocalipse relacionam grandes abalos da criação aos acontecimentos que antecedem a manifestação do Reino de Elohim.

Entretanto, é necessário interpretar esses acontecimentos com equilíbrio. Um terremoto possui causas geológicas reais. Ao mesmo tempo, para quem lê a história à luz das Escrituras, os abalos naturais funcionam como advertências sobre a fragilidade humana, a necessidade de arrependimento e a expectativa da restauração final. O terremoto não deve ser utilizado para condenar vítimas ou estabelecer datas, mas exige compaixão, oração e solidariedade.

5. OS TERREMOTOS NO APOCALIPSE

No Apocalipse, os terremotos marcam grandes momentos de transição:

- **Sexto Selo (Ap 6:12):** Abalos acompanhados de sinais nos astros e temor dos reis.
- **Sétimo Selo (Ap 8:5):** O anjo lança o incensário com fogo sobre a terra.
- **Sétima Trombeta (Ap 11:19):** Abertura do Templo celestial e visão da arca da aliança.
- **Sétima Taça (Ap 16:18):** O maior terremoto da história humana.

6. O ABALO DOS REINOS HUMANOS

Ageu 2:6–7 e Hebreus 12:27–28 ensinam que Elohim abalará a terra e as nações para que apenas o Reino inabalável permaneça. O terremoto físico simboliza a remoção dos sistemas humanos transitórios.

7. A CRIAÇÃO GEME PELA RESTAURAÇÃO

Romanos 8:22 afirma que a criação geme aguardando a libertação da corrupção. A esperança bíblica não é a fuga da criação, mas sua renovação (Apocalipse 21:1–4), onde não haverá mais morte, luto ou dor.

8. VIGILÂNCIA SEM SENSACIONALISMO

Yeshua ordenou vigiar (Mateus 24:42), ressaltando que ninguém sabe o dia nem a hora (v. 36). A vigilância autêntica produz fidelidade, oração, justiça e serviço, evitando o sensacionalismo que gera medo e desrespeito ao sofrimento alheio.

9. A RESPONSABILIDADE DOS FILHOS DA LUZ

1 Tessalonicenses 5:4–5 chama os fiéis a viverem como filhos da luz, em sobriedade e amor. O terremoto na Venezuela convoca as comunidades a transformarem fé em socorro prático e apoio à reconstrução.

10. O SINAL DE JONAS E O ARREPENDIMENTO

Os sinais exteriores não substituem a transformação interior (Mateus 4:17). A proximidade do Reino deve modificar a conduta, a justiça e o amor ao próximo.

1. O QUE ACONTECEU NA VENEZUELA

Os dois grandes terremotos ocorreram em uma região tectonicamente ativa do norte venezuelano. Segundo o USGS, os tremores foram produzidos por falhamento transcorrente superficial próximo ao limite entre as placas do Caribe e da América do Sul. A pequena profundidade ampliou a intensidade na superfície, enquanto construções vulneráveis e áreas montanhosas intensificaram as perdas (AP News).

A ciência explica o mecanismo físico do abalo, mas não elimina a reflexão teológica. Saber como um terremoto ocorre não responde às perguntas sobre sofrimento, esperança e responsabilidade; da mesma forma, interpretar espiritualmente um fato não dispensa o estudo responsável de suas causas naturais.

2. TERREMOTOS NO DISCURSO DE YESHUA

Ao responder sobre Sua vinda e a consumação do século, Yeshua declarou:

"Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, pestes e terremotos em vários lugares. Mas todas essas coisas são o princípio das dores."

— **Matityahu / Mateus 24:7-8**

Lucas 21:11 acrescenta que haverá "grandes terremotos". Contudo, Yeshua não ensinou que um abalo isolado seria a prova definitiva da vinda imediata, mas o classificou como "princípio das dores" — crises que se intensificam progressivamente rumo à consumação.

3. "O PRINCÍPIO DAS DORES"

A comparação com as dores de parto mostra que o processo está em andamento. Shaul HaShaliach adverte em 1 Tessalonicenses 5:3 que, quando disserem "paz e segurança", sobrevirá repentina destruição. O objetivo é combater a falsa sensação de estabilidade das instituições humanas. O abalo interrompeu a rotina em segundos, revelando a fragilidade das estruturas terrenas.

4. TERREMOTOS NÃO SÃO PUNIÇÕES AUTOMÁTICAS

Deve-se rejeitar a ideia de que as vítimas sejam mais pecadoras. Yeshua explicou na queda da torre de Silóé (Lucas 13:4-5) que a tragédia é um chamado universal ao arrependimento. Os sobreviventes exigem compaixão e assistência humanitária, alinhando-se à atuação de organizações e governos que anunciaram ajuda prolongada à reconstrução (Reuters).

11. ESPERANÇA EM MEIO AOS ESCOMBROS

O Salmo 46:1-2 assegura que Elohim é refúgio bem presente na angústia, mesmo quando a terra se muda. A promessa final é a vitória sobre a morte e a ressurreição dos justos.

CONCLUSÃO

O terremoto na Venezuela em junho de 2026 recorda a fragilidade humana e as palavras de Yeshua sobre o princípio das dores. Não há base para associá-lo a um selo ou taça específico, nem para julgar as vítimas. O acontecimento chama o mundo ao arrependimento, à solidariedade e à vigilância espiritual, aguardando com esperança a redenção final.

"Ora, quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima."

— **Lucas 21:28**

SISAEN

Sociedade Israelita das Sendas Antigas

A IMPORTÂNCIA DO PERÍODO DO SEGUNDO TEMPLO

A Providência Divina na Preparação Histórica, Cultural e Religiosa do Mundo para o Advento do Messias

INTRODUÇÃO

O estudo do Período do Segundo Templo (tradicionalmente designado por alguns autores como período intertestamentário ou interbíblico) é fundamental para a compreensão do contexto histórico, político, cultural e espiritual que antecede o surgimento dos Escritos Nazarenos [cite: 21]. Longe de representar um mero hiato cronológico de "silêncio profético", esse intervalo de aproximadamente quatro séculos — do encerramento da redação de Malaquias até o ministério de Yochanan HaMatbil (João Batista) — testemunhou a soberana condução de Elohim na preparação das nações para o advento de Yeshua HaMashiach [cite: 21].

Como declara o apóstolo Shaul: *"Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher; nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos"* (Gálatas 4:4–5) [cite: 21]. A vinda do Messias não ocorreu isolada no vácuo, mas foi divinamente articulada no cenário da história universal [cite: 21].

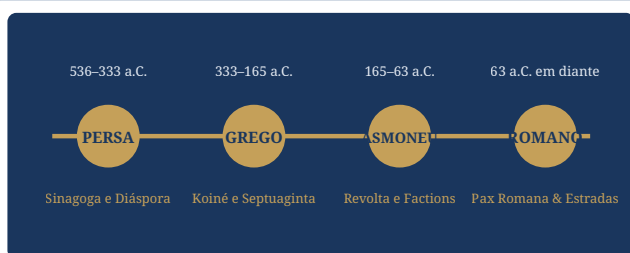


Figura 1: A sequência imperial do Período do Segundo Templo e as contribuições providenciais para a proliferação do Evangelho [cite: 21].

I. DEFINIÇÃO, RELEVÂNCIA E PANORAMA CRONOLÓGICO

O Período do Segundo Templo compreende o desenvolvimento histórico das comunidades judaicas a partir da restauração sob o Império Persa até a era apostólica sob o domínio do Império Romano [cite: 21]. Compreender esse segundo ato da história redentora é essencial: ao concluir o Tanakh, encontramos o povo de Israel reconstruindo Jerusalém sob suserania persa; ao abrir os Escritos Nazarenos, o mesmo povo encontra-se sob ocupação romana, com sinagogas estabelecidas, seitas religiosas estruturadas (fariseus, saduceus, essênios) e o idioma grego amplamente falado [cite: 21].

III. O IMPÉRIO GREGO, O HELENISMO E A SEPTUAGINTA (LXX)

1. As Conquistas de Alexandre e a Língua Franca

Com a ascensão de Alexandre, o Grande, no século IV a.C., o Oriente Médio foi rapidamente helenizado [cite: 21]. Alexandre espalhou os costumes, a filosofia e, sobretudo, a língua grega [cite: 21]. O desenvolvimento do **Grego Koiné** (a linguagem comum do povo) criou, pela primeira vez na história antiga, um idioma universal [cite: 21]. Elohim utilizou esse fenômeno linguístico para assegurar que os Escritos Nazarenos pudessem ser lidos e compreendidos em qualquer província do mundo civilizado [cite: 21].

2. A Importância Histórica da Septuaginta (LXX)

Sob o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (284–247 a.C.) em Alexandria, o Tanakh foi traduzido do hebraico para o grego por sábios israelitas, dando origem à versão conhecida como **Septuaginta** (LXX) [cite: 21]. A LXX tornou-se a Bíblia do Judaísmo da Diáspora e a versão citada predominantemente pelos autores dos Escritos Nazarenos [cite: 21]. O estabelecimento da terminologia teológica grega para conceitos como **expição**, **justiça**, **misericórdia** e **salvação** preparou as mentes das nações gentílicas para o acolhimento da mensagem redentora [cite: 21].

IV. A REVOLTA DOS MACABEUS E O DOMÍNIO ROMANO

1. A Resistência Asmoneia e as Seitas Religiosas

Com a ascensão do imperador selêucida Antíoco IV Epifânes no século II a.C., iniciou-se uma perseguição brutal com o objetivo de erradicar a fé judaica, profanando o Templo de Jerusalém com sacrifícios pagãos [cite: 21]. Liderados pelo sacerdote Matatias e seu filho Judas Macabeu ("o Martelo"), os judeus travaram uma guerra de guerrilha vitoriosa, purificando e rededicando o Altar (evento celebrado no Chánucá) [cite: 21]. A era asmoneia reacendeu o fervor nacional e deu origem aos agrupamentos religiosos do Primeiro Século: os **Fariseus** (separados, zelosos da lei oral), os **Saduceus** (aristocracia sacerdotal helenizada) e os **Essênios** (comunidades ascéticas e sacerdotalmente puristas, como Qumran) [cite: 21].

2. A Pax Romana e a Infraestrutura do Século I

Em 63 a.C., o general romano Pompeu conquistou Jerusalém, pondo fim à independência asmoneia e transformando a Judeia em província romana [cite: 21]. A

PERÍODO / IMPÉRIO	PERSONAGENS CHAVE	MARCOS E LEGADO ESPIRITUAL
Persa (536–333 a.C.)	Ciro, o Grande; Dario; Esdras; Neemias	Fim da idolatria grosseira, formação das Sinagogas, preservação do monoteísmo na Diáspora [cite: 21].
Grego / Helenista (333–165 a.C.)	Alexandre, o Grande; Ptolomeus; Selêucidas	Disseminação da cultura e do idioma grego (Koiné), tradução do Tanakh para o grego (Septuaginta / LXX) [cite: 21].
Asmoneu / Macabeu (165–63 a.C.)	Matatias, Judas Macabeu, Jônatas, Simão	Revolta contra Antíoco IV Epfânes, reativação do nacionalismo judaico, consolidação de fariseus, saduceus e essênios [cite: 21].
Romano (63 a.C. em diante)	Pompeu, Júlio César, Augusto, Herodes	Unificação política, malha viária avançada e a Pax Romana, facilitando a expansão da mensagem messiânica [cite: 21].

II. O PERÍODO PERSA, O CATIVEIRO E O SURGIMENTO DA SINAGOGA

1. Panorama Histórico e a Erradicação da Idolatria

Após a traumática experiência do exílio babilônico e a subsequente queda da Babilônia diante de Ciro, o Grande, os judeus receberam permissão para retornar à sua terra natal [cite: 21]. O cumprimento da profecia de Isaías (Is 45:1) estabeleceu uma atitude de tolerância religiosa por parte da Pérsia [cite: 21]. A maior transformação interna vivida pelo povo judaico nesse período foi o fim definitivo do culto aos ídolos: o exílio purgou a tentação da idolatria, substituindo-a por uma devoção estrita à Torá e uma fervorosa expectativa pela vinda do Mashiach [cite: 21].

2. A Diáspora e o Papel da Sinagoga

Nem todos os judeus retornaram à Judeia sob Ciro; muitos permaneceram espalhados em centros urbanos em todo o Oriente [cite: 21]. Privados do Templo de Jerusalém durante o cativeiro, os judeus organizaram a instituição da **Sinagoga** (termo derivado do grego para congregação) [cite: 21]. A sinagoga tornou-se o centro comunitário de oração, leitura e estudo da Torá [cite: 21]. Essa provisão foi estratégica para o ministério de Yeshua (Lc 4:16) e para a estratégia apostólica de Shaul (Atos 17:1–3), fornecendo um ponto de contato imediato onde a mensagem do Reino podia ser proclamada a monoteístas e tementes a Deus [cite: 21].

consolidação do Império por César Augusto inaugurou a **Pax Romana** — um longo período de estabilidade política e eliminação da pirataria marítima [cite: 21]. Além disso, a construção da malha viária romana ("todas as estradas levam a Roma") permitiu a circulação rápida dos emissários do Messias [cite: 21].

IMPERADOR ROMANO	REINADO	IMPACTO NO CONTEXTO DOS ESCRITOS NAZARENOS
Augusto	27 a.C. – 14 d.C.	Nascimento de Yeshua, recenseamento de Quirino, consolidação da ordem imperial [cite: 21].
Tibério	14 – 37 d.C.	Ministério público, crucificação e ressurreição do Mashiach Yeshua [cite: 21].
Cláudio	41 – 54 d.C.	Expulsão dos judeus de Roma devido a controvérsias (Atos 18:2) [cite: 21].
Nero	54 – 68 d.C.	Primeira grande perseguição aos crentes e martírio de Shaul e Kefa [cite: 21].
Vespasiano / Tito	69 – 81 d.C.	Cerco romano e destruição do Segundo Templo de Jerusalém em 70 d.C. [cite: 21]

CONCLUSÃO

O Período do Segundo Templo atesta que Elohim jamais abandona a regência da história humana [cite: 21]. A unificação linguística operada pela Grécia, a infraestrutura e a paz garantidas por Roma, e a preservação do monoteísmo puro acompanhado das sinagogas na Diáspora convergiram para criar o momento exato em que a Palavra fez-se carne [cite: 21]. Longe de ser um silêncio estéril, este período foi o grande laboratório providencial onde Elohim preparou o mundo para receber a revelação do Seu Filho [cite: 21].

Samuel Guimarães

Adaptado e Editado para a Revista ARABOTH — SISAEN [cite: 21]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAXTER, J. S. *Examinai as Escrituras: Período Interbíblico e os Evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 1992 [cite: 21].
- BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978 [cite: 21].
- GUNDRY, R. H. *Panorama do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008 [cite: 21].
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005 [cite: 21].
- TENNEY, M. C. *Tempos do Novo Testamento: Entendendo o Mundo do Primeiro Século*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010 [cite: 21].
- TOGNINI, E. *O Período Interbíblico: 400 Anos de Silêncio Profético*. São Paulo: Hagnos, 2009 [cite: 21].

ACESSE AS PÁGINAS DA

SISAEN

E ACOMPANHE NOSSO CONTEÚDO



Facebook

<https://www.facebook.com/profile.php?id=61586788677214>



Instagram:

https://www.instagram.com/sisaen_caminhoantigo/



YouTube:

<https://www.youtube.com/@azariasbenelyahu8300>



Site Oficial:

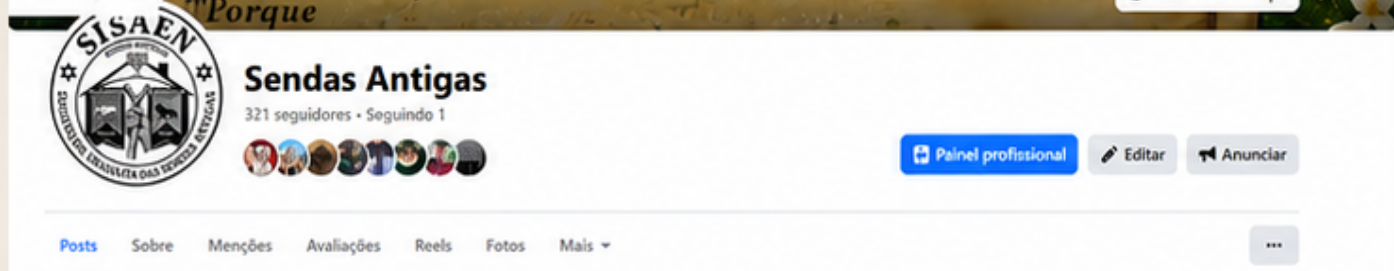
www.sisaen.org



ADQUIRA NOSSAS PUBLICAÇÕES NA EDITORA UICLAP

Página da Editora UICLAP para compra de publicações:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua183811>



Nossa página do Facebook [Sendas Antigas](#),
a primeira rede social da [SISAEN](#).



**ESTUDOS DA
PARASHÁ SEMANAL**
NO CANAL DO YOUTUBE
venha você também Participar!



ENDEREÇO:
Av. IX, 21B – Jereissati – Setor D,
Maracanaú – CE, CEP: 61901-090

e-mail: sendasantigas@sisaen.com

WhatsApp: 85 99964-3158

Site Oficial: www.sisaen.org